

Kiu...Kiu, o filhote de passarinho e o indiozinho Jaguaracú

Elsa Rossi

Era um lindo entardecer naquele dia primaveril do ano de 1940.

O sol se escondia atrás do frondoso abacateiro do quintal da casa do menino Valdo e de dona Ana, sua mãe.

Era uma família humilde, mas muito rica em amor cristão.

Valdo terminara suas lições da escola e estava varrendo as folhas secas do quintal de sua casa.

Essa era a sua colaboração diária pra ajudar a sua mãezinha dona Ana.

De longe ele escutava sua mãezinha chamá-lo.

- "Valdo, ó Valdo"!
- Vem cá, meu filho!
- Valdo, voce me faz sempre muito feliz!
- Ah! Se todos os meninos fossem obedientes e pacíficos como voce é, o mundo não teria guerras, nunca mesmo!

E sorrindo feliz para seu amado filho Valdo, continuava...

- Como voce varreu tão bem o quintal, juntou todas as folhas secas do abacateiro, eu tenho uma surpresa para voce.

E virando-se, apanhou uma pequenina caixa. Mal dava para se ver o que continha...somente se ouvia...kiu...kiu...kiu...

Valdo estava muito curioso.

Eis que sua mãe coloca-lhe nas mãos a caixinha de papelão contendo no seu interior um filhote de tico-tico, que havia caído do ninho que fôra construído no canto esquerdo do telhado.

Caíra justamente sobre a maciez das belas folhas e flores vermelhas e azuladas do vaso de gerânios, que ficava sob a janela da cozinha, ao abrigo da chuva e do vento.

Como a passarinha-mãezinha não aparecera durante todo o dia, o filhote com certeza iria morrer de fome, não fosse a bondade e a atenção de dona Ana.

Tanto se bateu no ninho, o pobre filhotinho, que acabou caindo. Havia uma grande possibilidade de que o gato Jubalu tivesse apanhado a avezinha-mãe e então o filhotinho estaria órfão.

Com certeza tinha acontecido isso.

Dona Ana disse a Valdo:

- Você gostaria de alimentar a frágil avezinha até que ela possa cuidar de si mesma?

Valdo imediatamente respondeu:

- "Sim mãezinha".

Cuidarei com muito carinho antes e depois que eu chegar da escola.

E também não deixarei de fazer minhas obrigações para ajudá-la, mãezinha!

- Vejo-a sempre tão cansada, voce não para de trabalhar nem um instante do dia.

Dona Ana com carinho, abraçou o filho, beijando-lhe o alto da cabeça e...sem que Valdo percebesse, uma lágrima percorreu seu rosto ainda jovial.

Lembrou-se do dia feliz da chegada de seu filhinho Valdo em suas vidas, dela e de seu esposo.

Quantos planos fizeram para o desenvolvimento do pequenino.

E Valdo lhes trouxera muita luz no lar. Uma estrela de luz nas noites de suas vidas.

Tinham sido sim, momentos de muita alegria os quais ficaram gravados na memória de dona Ana.

Mas junto da alegria, as saudades rapidamente se manifestavam. Já haviam se passado 10 anos desde que o esposo deixara o corpo físico.

Para não deixar Valdo perceber que entristecera, coloca alegria na voz, dá-lhe umas palmadinhas nos ombros e diz:

- - Vai cuidar do seu filhote de tico-tico, entregando a Valdo um pires com o alimento do passarinho. Eu vou terminar de lavar essas roupas e depois vou assar os pães.
- - Graças a Deus, temos uma encomenda grande de pão caseiro para essa semana, meu filho.
 - Hum! Hum!

Fez o Valdo, levantando a pontinha do nariz pra cima, cheirando o ar! Ele sabia muito bem que o pão que sua mãe fazia em casa, com

suas mãos tão pequeninas, tinha muitos ingredientes bons, mas o mais importante, é que ela sempre adicionava muito amor ao que fazia.

- Hum! Hum!

O pão era uma delícia.

E uma vez por semana havia pão fresquinho e cheiroso, que ele Valdo, saboreava com muito gosto.

Dona Ana vendia alguns, que eram as encomendas semanais. Com esse dinheiro ela mantinha atualizado o pagamento do aluguel da casa e ainda ajudava nas outras despesas diárias.

Saltitante e feliz, Valdo vai para o quintal. Coloca sobre o banco de tábuas de peroba, a caixinha com o filhote que ele nominou de Kiu-Kiu...porque era assim que o passarinho fazia ... Kiu...kiu...kiu.

Começou a alimentá-lo com o mingau feito de farinha de trigo misturado com água morna, que sua mãe havia preparado.

Kiu...kiu...kiu...daqui ...kiu...kiu...kiu dali, parecia que o filhote de tico-tico queria agradecer a Valdo o extremado carinho com que o estava cuidando.

Naquela tarde, ele terminou de varrer todo o quintal, sentou-se no banco de tábua de perobas, sob o abacateiro, colocou a caixinha com o Kiu-Kiu no colo e começou a conversar com Kiu-Kiu...que nem a gente faz de vez em quando com nosso cachorrinho ou gatinho, ou mesmo com as nossas plantinhas.

- Puxa!...Kiu-Kiu...que peninha voce ficar sem a sua mãezinha... Eu tenho a minha mãezinha, mas fiquei sem o meu paizinho...

- Mamãe disse que ele está muito bem onde ele está e que um dia nós vamos nos encontrar novamente.

- Eu mal conheci o meu papai, tenho saudades dele. Às vezes ele vem no seu sonho e nós rimos bastante, ele me conta histórias lindas de onde ele está. E eu acho que lá é muito bonito e tem passarinhos também.

Valdo, assim absorto, conversando com o seu novo amiguinho, sentiu a presença de uma companhia muito agradável, que lhe causou uma sensação de bem estar. Ele se voltou e ao seu lado estava um menino sorridente, um indiozinho de seus 8 anos.

Sem se amedrontar, perguntou Valdo a ele:

- "Quem é voce? Como voce entrou no quintal? Voce deseja alguma coisa? Voce falou com minha mãe?"

O sorridente indiozinho disse a Valdo.

- Calma, meu querido amiguinho. Vou responder a todas as suas perguntas.

- "Eu conheço seu pai e foi ele quem me disse que eu poderia vir conversar e brincar com voce".

Os olhos de Valdo brilharam tão intensamente ao tempo em que ele ia dizendo ao recém-chegado:

- Como voce se chama, de onde voce conhece meu pai, como é isso, me explica devagar, por favor!

O indiozinho com muita calma e uma alegria no coração, que se podia sentir, disse a Valdo:

- Me chamo Jaguaragu, que quer dizer: "Onça Grande". Sou um Espírito. Tenho a permissão de vir visitá-lo após voce terminar suas obrigações diárias para com a escola e para com dona Ana.

Prosseguindo com sua voz muito serena e com grande simpatia:

- Venho acompanhando voce desde antes de voce nascer. Como voces estudam a filosofia espírita, pode entender o que estou falando.

- Sou seu Anjo Guardiã!

- Nossa!... disse Valdo!

- Um Anjo-Guardiã criança que nem eu!!!

- E ainda é um espírito que fala, que pode brincar, que já me conhece! Eu pensei que Anjo Guardiã fosse bem alto, que usasse roupas azuis compridas, tivesse uma luz brilhante em volta cabelos dourados...e voce não tem nada disso e é um índio...e...

Neste instante Jaguaraçu interrompeu Valdo que emocionado, não mais parava de falar e disse...

- ...e que tivesse asas? Ah! Ah! Ah!, riu o indiozinho!

- Valdo respondeu:

- Eu sei que não existe anjos com asas. Minha mãe já me explicou que os espíritos somos nós mesmos.

- Espíritos bons, são homens e mulheres que fizeram todo o bem que podiam aqui na Terra e quando retornam ao plano Espiritual adquirem o progresso e sempre se preocupam em ajudar a Humanidade.

- Isso mesmo, disse Jaguaraçu!

- Vejo que as lições das aulas de Moral Cristã estão guardadas na sua mente e voce está adquirindo muito progresso espiritual com isso. Quando aprendemos os ensinios de Jesus e os colocamos em prática, estamos todos progredindo.

E assim ficaram conversando um tempão.

Quando dona Ana chamou Valdo para o lanche da tarde, pois logo mais a noite teriam o Evangelho no Lar, Jaguaraçu se despediu e disse que à noitinha iria participar do Evangelho, orando com eles.

Valdo estava tão feliz pelo acontecimento.

Como ele sempre tinha o hábito de conversar com sua mãezinha Ana, relatou a ela o ocorrido no quintal sob o frondoso abacateiro.

Dona Ana, deu um sorriso amoroso e agradeceu a Deus aquela bênção.

Explicou a Valdo que ele demonstrava o início da mediunidade e que isso era muito normal em muitas crianças.

Explicou ainda que, quando os pais tem o conhecimento espírita se torna mais fácil para a criança e os pais entenderem o que se passa e há um comportamento calmo, atencioso para com a criança.

Já o lar sem essa base, tende a levar para o lado do distúrbio, ou das criancices, sem muita atenção.

Disse dona Ana:

- Valdo, meu filho, quase todas as crianças tem um "amiguinho invisível". O que acontece é que com algumas crianças este acontecimento é muito bem registrado e com outras é menos.

- É mais conhecido por "amigo invisível", melhor do que dizer o "amiguinho espírito" ou "amiguinho fantasma", porque as pessoas ainda não estão muito interessadas em conhecer realmente esse acontecimento. Alguns pais preferem ignorar do que irem pesquisar para conhecer melhor o assunto.

Foi uma conversa agradável entre Valdo e dona Ana, como sempre acontecia.

Bem, nos dias subsequentes, lá estavam os dois amiguinhos conversando, sorrindo, brincando.

Jaguaruaçu vinha brincar com Valdo no quintal de sua casa todos os dias. O índiozinho aparentava ter uns 8 anos. Os dois amiguinhos brincavam sem perceber as horas passarem.

Subiam em árvores, corriam pelo quintal, colhiam gravetos para ajudar dona Ana a manter aceso o fogão a lenha, especialmente nos dias que ela assava os pães.

Dona Ana não via Jaguaruaçu, mas observava o quanto o filho estava feliz com o amiguinho.

Estavam sempre inventando novas e saudáveis brincadeiras.

Ora ajeitavam o jardim, varriam o gramado, ora molhavam as plantinhas da horta, os pequenos repolhinhos que brotavam na terra macia, nos canteiros preparados pelas mãos abençoadas de dona Ana..

...ou colhendo os tomates vermelhos e brilhantes para o jantar.

Outras vezes colhiam galhos e florzinhas para fazer um ramallete perfumado para dona Ana.

No natal, colhiam musgos e folhagens para enfeitar os presépios.

Como Valdo era habilidoso, ele mesmo confeccionava as figuras natalinas em barro e depois pintava.

Eram lindos os presépios que Valdo criava. E como eram admiradas as figurinhas de barro que ele pintava.

Valdo quase não venciam as encomendas que as freguesas de sua mãe faziam a ele.

Eram figurinhas de José, Maria, dos animaizinhos para compor o Presépio.

Com isso eles aumentavam a renda e dona Ana ousava fazer uma extravagância comprando panetone para o dia de Natal.

Valdo não deixava um único dia de ir ter com seu amigo Jaguaragu sob o abacateiro.

E assim passaram-se os anos.

Valdo cresceu neste ambiente simples, humilde, fraterno e iluminado do seu lar, mantendo a intimidade total com a Doutrina Espírita, com a Mediunidade.

Um dia, quando Valdo terminou as tarefas da escola e terminou de fazer as obrigações de casa, ao chegar no banco de perobas sob o abacateiro, o seu amiguinho Jaguaragu já lá estava esperando por ele.

Jaguaragu estava um pouco diferente, mais sério.

Disse a Valdo:

- De hoje em diante não virei mais nesta aparência, meu querido amigo Valdo.

- Temos tarefas a continuar e não estaremos mais subindo em árvores ou colhendo galhos, correndo pelo quintal.

- Vamos trabalhar juntos, Valdo.

- Eu inspirarei voce na escrita e voce as acolherá pelos pensamentos. Faremos esse exercício por um bom tempo e depois lhe direi o que fazer quando a hora for chegada.

Passara-se um bom tempo.

No seu comportamento sadio, caridoso, e sempre familiarizado com todos os Espíritos que lhe vinham trazer comunicações, contos, poemas, Valdo atendia muito bem a inspiração espiritual.

Ele escreveu o seu primeiro livro de poemas, todinho ditado por Benfeitores de Luz.

E assim continuou nosso querido Valdo.

O pequeno Jaguaracu iria ter guarida para sempre na memória de Valdo, pois fôra ele o instrumento dos exercícios da mediunidade ainda quando Valdo era uma criança, preparando-o para a Messe de Amor que teria por realizar no seu futuro.

Sua mãe Ana foi sua amiga e conselheira durante todo o tempo em que estiveram juntos.

Passaram-se os anos!

Em uma bela tarde, quando o sol punha seus últimos raios por detrás do imenso abacateiro, dona Ana cansada das tarefas no plano físico, foi chamada pelos Benfeitores ao merecido descanso no plano espiritual.

O tempo correu célere.

E ao final de um belo dia de verão, quando o sol depositava seus últimos raios por detrás de um imenso e envelhecido abacateiro que ficava no pátio da escola, onde um dia tinha sido o quintal de sua casa, lá estava nosso querido Valdo, contando uma bela história para as crianças pobres do bairro.

Lecionava nosso Valdo, as mais belas lições de fraternidade e amor!

Nesse dia, ele finalizou uma das historinhas dizendo:

- ...e então...Dona Ana, com certeza, é anjo de luz em forma de uma indiazinha, ajudando a muitos meninos e meninas que, como eu quando criança, tiveram a felicidade de ter um lar cristão com pais esclarecidos dos valores da Doutrina Espírita.

- Essa Doutrina de Amor, são os ensinamentos de Jesus, que foram recitados com sabedoria pelos Espíritos Benfeitores a um professor lá na França, o senhor Allan Kardec.

- Um dia lhes contarei toda a história do menino Rivail ao homem Kardec.

Pois é, a Doutrina Espírita, meus queridos alunos, é a maior base de luz para todos os corações esclarecidos caridosos e racionais e que querem, um dia, chegar a Deus pelo caminho do amor e da caridade!

FIM

Fundação Biblioteca Nacional - Rio de Janeiro - Brasil

Direitos autorais – © www.elsarossi.com

® Autora do texto Elsa Rossi

2004©

Agradecimentos

Aos Benfeitores Espirituais, que são nossos Anjos Guardiães que nos inspiram, aos meus netinhos Talles, Kalel, Joshua, Isabella, Bianca, Georgia e Nicolas, que são luzes da minha alma, aos amigos que me incentivam sempre a escrever e colocar a disposição de todos os pais que desejam apoio na educação moral de seus filhos.